FIDES REFORMATA XXX, Nº 1 (2025): 35-56

Exegese: Definições e Objetivo

*Danillo A. Santos**

RESUMO

Exegese é um termo de aparente fácil definição. De fato, alguns elementos básicos da exegese são fáceis de delimitar. Entretanto, a palavra em si encontra várias definições na literatura secundária, que também trazem consigo importantes implicações para a sua prática. Após fazer uma análise crítica da literatura secundária, este artigo defende que o propósito afirmado por Vern Poythress para a interpretação, de "receber e responder corretamente à palavra de Deus", deve embasar a exegese e, portanto, nos ajuda também a definir o processo da exegese como o *ouvir atentamente à palavra de Deus*. Um segundo artigo lidará mais com a metodologia exegética.

PALAVRAS-CHAVE

Exegese; Interpretação; Definição; Objetivo.

INTRODUÇÃO

O que significa *exegese*? Assim como vários outros termos técnicos no estudo teológico, presume-se que o sentido de exegese seja claro e evidente. Contudo, quando explorado a fundo, "existem poucos termos nos estudos bíblicos como a 'exegese' que são usados de forma tão descontrolada e que representam tantas coisas diferentes a vários acadêmicos e alunos".[1] De fato,

---

* Mestre em Divindade pelo Reformed Theological Seminary (Jackson, 2014) e doutor em hermenêutica pelo Westminster Theological Seminary (Philadelphia, 2021). Professor de Novo Testamento no CPAJ e ministro ordenado da IPB. Agradeço aos professores Héber Campos Jr., Filipe Fontes, João Paulo Thomaz de Aquino e Marcelo Berti pelas conversas instigantes sobre o tema do artigo nos últimos dias. Grande parte do texto a seguir se deve a essas conversas, mas certamente não qualquer eventual falha de raciocínio ou justificação, pelos quais assumo toda responsabilidade.

1 PORTER, Stanley E.; CLARKE, Kent D. What is Exegesis? An Analysis of Various Definitions. In: PORTER, Stanley E. (Org.), *A Handbook to the Exegesis of the New Testament*. Leiden: Brill,

como demonstrarei abaixo,[2] as definições (explícitas e implícitas) de exegese na grande maioria dos livros-textos e artigos acadêmicos são frequentemente variadas e às vezes imprecisas ou até inconsistentes.

Não digo isto para desmotivar o leitor, uma vez que definir exegese realmente *deve* ser um empreendimento difícil. Afinal, o que distingue exegese da hermenêutica ou de uma interpretação? Quais são as regras e métodos que compõem uma boa exegese? Podemos falar em uma exegese "neutra", isto é, metodologicamente objetiva, de forma que tanto um intérprete cristão quanto um ateu poderiam extrair do mesmo texto bíblico um só significado? Essas e várias outras perguntas complicam nossa perspectiva do significado da exegese, uma vez que lidam com questões profundas de significado, cognição e do nosso próprio ser, como seres humanos criados à imagem de Deus.

Com tantas perguntas em mente, algumas definições de exegese defendem o direito da comunidade que requer a exegese de defini-la (seria um estudo linguístico? narratológico? retórico? histórico? literário? ideológico? social--científico? canônico? teológico?). Outras definições, buscando um grau maior de objetividade, centram sua definição na compreensão da intenção do autor. Contudo, pelas complicações advindas da dupla autoria das Escrituras, outros ancoram sua definição no texto bíblico ou em alguma série de regras. Dessa forma, como as avaliamos?

Uma resposta superficial não bastará. Proponho, ao invés disso, um percurso neste artigo com o leitor. Nosso ponto de partida examinará alguns elementos essenciais para a definição da exegese. A partir desse início, será importante examinar certos caminhos trilhados por outros, isto é, algumas formas diferentes de definir exegese. Proponho que algumas dessas definições se desviam ou, no mínimo, são suscetíveis de desvio, se não mantiverem em vista o destino. Após isso, apresento o que vejo como um importante princípio frequentemente ignorado pelos especialistas: como ferramenta, a exegese só será corretamente definida com sua finalidade em vista.

Portanto, o objetivo deste artigo é definir a exegese em função de seu propósito "de receber e responder corretamente à palavra de Deus".[3] Não será possível neste artigo entrar em maiores detalhes acerca do método exegético. Antes, com base no alvo proposto aqui, pretendo em um futuro artigo

---

1997, p. 4. Minha tradução. O problema é também notado por Kaiser: "Nowhere in the total curriculum of theological studies has the student been more deserted and left to his own devices than in bridging the yawning chasm between understanding the content of Scripture as it was given in the past and proclaiming it with such relevance in the present as to produce faith, life, and bona fide works". KAISER, JR., Walter C. *Toward an Exegetical Theology: Biblical Exegesis for Preaching and Teaching*. Grand Rapids: Baker, 1981, p. 18.

2 Ver, principalmente, a seção 2.

3 POYTHRESS, Vern S. God's Lordship in Interpretation. *Westminster Theological Journal*, v. 50, p. 27–64, 1988, p. 32. Minha tradução.

expor obstáculos comuns a serem dirimidos para se praticar e produzir uma boa exegese.

1. ELEMENTOS ESSENCIAIS PARA UMA EXEGESE BÍBLICA

Observe que o título acima não diz "simples" ou "áreas de consenso", uma vez que não há consenso absoluto em todas as áreas abaixo. Contudo, qualquer estudo precisa ter um fundamento preliminar. Traço abaixo três aspectos importantes para a definição de exegese. Começo por demarcar um ponto simples, mas importante para a exegese: seu objeto de estudo, a Bíblia. Vale ressaltar também a forma dinâmica em que o termo pode ser utilizado, para evitar qualquer confusão nas discussões a seguir. Por último, examinarei o termo *exegese* em comparação com outros termos análogos: *hermenêutica* e *interpretação*.

1.1 O objeto da exegese é a Bíblia

Certamente é possível fazer exegese de qualquer texto ou artefato cultural. No entanto, por sua ênfase na interpretação correta das Escrituras, a igreja ao longo dos séculos tornou a *exegese* uma espécie de termo técnico. Dessa forma, até mesmo dicionários seculares por vezes definem exegese em relação à Bíblia.[4] Assim, o foco deste artigo não será a definição da exegese em geral, mas especificamente a exegese da Bíblia.

Tal restrição pode parecer um tanto pedante, mas é crucial. Se a exegese é bíblica, ela deve também ser definida pela Bíblia.[5] Desenvolverei as aplicações desse ponto mais adiante (ver a seção 3), mas é importante aqui observar que, se o alvo da exegese é interpretar a Bíblia, ela interpreta a *palavra* de Deus.[6] Por seu próprio testemunho, a Bíblia é a comunicação proposital e eficaz de Deus (cf. Sl 33.8-9; Is 55.10-11).[7] Portanto, qualquer ato interpretativo que

---

4 Observe o primeiro significado da palavra no dicionário Priberam: "Interpretação gramatical, histórica, jurídica, etc., dos textos e *particularmente da Bíblia*". Exegese. In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa: Priberam Informática, S.A., 2025. Disponível em: https://dicionario.priberam.org/exegese. Acesso em: 15 maio 2025. Grifo meu. Semelhantemente, o dicionário Cambridge da língua inglesa define "exegesis" como "an explanation of a text, *especially from the Bible*, after its careful study". Exegesis. In*: Cambridge Dictionary*. Cambridge: Cambridge University Press and Assessment, 2025. Disponível em: https://dictionary.cambridge. org/dictionary/english/exegesis?q=Exegesis. Acesso em: 17 maio 2025. Grifo meu.

5 Conforme o princípio articulado na Reforma protestante: *sacra Scriptura sui ipsius interpres* – a sagrada Escritura interpreta a si mesma. Ver CFW 1.9.

6 Como convenção tipográfica neste trabalho (exceto em citações), uso "palavra de Deus" para me referir à Bíblia e "Palavra de Deus" para me referir à segunda pessoa da Trindade, em especial na sua missão de revelar o Pai.

7 Ou, nas palavras de John Frame, "a Palavra de Deus, em todas as suas qualidades e aspectos, é uma comunicação pessoal dele conosco". FRAME, John M. *A doutrina da palavra de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013, p. 28. De forma semelhante, Calvino em seu comentário sobre 1Pe 1.25, diz:

busca compreender melhor a Bíblia é, por definição, um ato relacional com Deus, que por meio da Bíblia se comunica com seu povo (cf. Dt 8.3-6; Sl 147.19-20; Jo 1.1-5, 14; 14.21).

1.2 Exegese como processo e produto

A palavra exegese deriva de uma transliteração do grego ἐξήγησις, ou em sua forma verbal, ἐξηγεῖσθαι, que por sua vez é constituída da preposição ἐξ ("para fora") e o verbo ἄγειν ("conduzir"). Pelo menos etimologicamente, a ideia de exegese comunica uma condução de algo para fora de si. Contudo, a palavra (substantivo ou verbo) claramente nunca é utilizada na LXX, no Novo Testamento e em outros textos do grego coinê para denotar uma condução física. Ou seja, já no segundo século a.C. (se não antes), o termo havia de longe ultrapassado sua etimologia,[8] e assumiu um de três sentidos: uma *descrição* ou *relato*,[9] uma *explicação* ou *instrução*[10] ou uma *interpretação*.[11]

Para nossos propósitos, vale ressaltar que alguns dos sentidos destacados acima podem se referir tanto a um processo quanto a um produto.[12] Por exemplo, podemos falar sobre *instrução* como um processo, como na frase "O bom professor se esmera na instrução". Já na frase "O aluno não seguiu a instrução na prova", falamos de um produto do processo de instruir. Semelhantemente, a exegese pode se referir ao processo de interpretar o texto bíblico ou ao produto resultante, uma interpretação específica, seja esta informal ou formal (por exemplo, um trabalho de 20-30 páginas entregue no seminário ou um estudo preliminar do texto que um pastor faz antes de preparar o esboço de

---

"É preciso ter em mente que Deus designou os profetas e os apóstolos para nos falar, e que seus lábios são os lábios do único e verdadeiro Deus". CALVINO, João. *Epístolas gerais*. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p. 176.

8 Portanto, deixo aqui uma alerta aos estudantes ou futuros autores que, com base na etimologia do termo, talvez sejam tentados a definir exegese como um "conduzir o sentido do texto para fora"! Contra BLOMBERG, Craig L.; MARKLEY, Jennifer Foutz. *A Handbook of New Testament Exegesis*. Grand Rapids: Baker Academic, 2010, p. xii, que fazem justamente isso! Observe também que Grassmick comete uma falácia etimológica semelhante ao dizer que "o significado literal desse verbo é 'guiar para fora'". Não temos nenhum indício de que o verbo realmente significasse isso na literatura existente. GRASSMICK, John D. *Exegese do Novo Testamento: do texto ao púlpito*. São Paulo: Shedd, 2009, p. 10.

9 Cf. 2Rs 8.5, Lc 24.35, At 10.8.

10 Cf. Jó 12.8; At 21.19; Josefo, *Antiguidades* 18.81.

11 Cf. Josefo, *Antiguidades* 1.12; 2.69, 75, 77; *Guerras* 2.113; Filo, *Sobre Leis Especiais* 2.159, *Da Vida Contemplativa*, 78.

12 Cf. BOCK, Darrell L., Opening Questions: Definition and Philosophy of Exegesis. In: BOCK, Darrell L.; FANNING, Buist M. (Orgs.). *Interpreting the New Testament Text: Introduction to the Art and Science of Exegesis*. Wheaton: Crossway Books, 2006, p. 23; KAISER, JR., *Exegetical Theology*, p. 48.

seu sermão). Meu foco neste artigo será no processo, já que o produto depende deste primeiro.

1.3 Exegese em relação à hermenêutica e interpretação

Existem duas palavras mais frequentemente associadas à exegese: *hermenêutica* e *interpretação*. O que existe de semelhante e o que as diferencia?

Anthony Thiselton os compara e contrasta da seguinte forma: "enquanto *exegese* e *interpretação* denotam *os processos efetivos* de interpretar textos, *hermenêutica* também inclui a disciplina de segunda ordem de perguntar *o que de fato nós fazemos quando lemos, entendemos, ou aplicamos* textos".[13] Portanto, a exegese e interpretação se referem à prática de compreender o texto bíblico, enquanto a hermenêutica se refere à teoria ou ciência por trás dessa prática.

Contudo, existem outras definições de *hermenêutica*. Fee e Stuart, por exemplo, restringem a exegese àquilo "que foi dito a eles *lá e então*" e a hermenêutica ao significado da Bíblia "*aqui e agora*".[14] Osborne, por sua vez, concorda com a definição de Fee e Stuart de exegese, mas chama de *contextualização* aquilo que eles denominam *hermenêutica*. Assim, para Osborne, *hermenêutica* não se refere à parte final do processo interpretativo, mas é o termo que abrange tanto a *exegese* quanto a *contextualização*.[15] Além dessas definições, Matthew Malcolm enumera três outras formas em que o termo é usado.[16] Não é de se estranhar a dificuldade do aluno!

No entanto, apesar dessas opiniões divergentes, a grande maioria de teólogos modernos concorda que a hermenêutica é uma "disciplina de segunda

---

13 THISELTON, Anthony C. *Hermeneutics: An Introduction*. Grand Rapids: Eerdmans, 2009, p. 4. Minha tradução.

14 FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2022, p. 38. Cf. FAIR, Ian A. Disciplines related to biblical interpretation. In: KEARLY, F. Furman; MYERS, Edward P.; HADLEY, Timothy D. (Orgs.). *Biblical Interpretation: Principles and Practice Studies in Honor of Jack Pearl Lewis*. Grand Rapids: Baker, 1986, p. 45, que limita a hermenêutica à "fase final da interpretação bíblica, na qual o intérprete relaciona o significado histórico do texto ao seu contexto contemporâneo". Minha tradução.

15 OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 25. É importante observar, contudo, que no parágrafo seguinte Osborne também define *hermenêutica* como a ciência de como se interpreta, concordando assim com Thiselton (p. 26).

16 MALCOLM, Matthew R. *From Hermeneutics to Exegesis: The trajectory of biblical interpretation*. Nashville: B&H Academic, 2018, p. 4–6. Observe que, já em 1980, Carson dizia: "Hermeneutics is a slippery discipline, not least because the terms keep changing definition. Some of this terminological disarray stems from the legitimate growth of the discipline; but some of it springs from the imposition of alien ideologies onto the biblical data". CARSON, D. A. Hermeneutics: A brief assessment of some recent trends. *Themelios*, v. 5, n. 2, p. 13–20, 1980, p. 20.

ordem", isto é, uma disciplina que envolve "pensar sobre o pensar",[17] enquanto a exegese se refere à prática interpretativa. De fato, uma vez que confessamos que não existe interpretação ingênua, notamos nossa necessidade de ter uma disciplina que estuda o que fazemos quando interpretamos.[18] Dessa forma, não podemos equiparar hermenêutica e exegese, mas a segunda depende da primeira.

Entretanto, esse não é o caso para os termos *interpretação* e *exegese*. Ao que tudo indica, a exegese é, como Moisés Silva observa, apenas "uma forma chique de se referir à interpretação".[19] Isto se dá uma vez que o termo *exegese* é "usado frequentemente pelos estudiosos bíblicos, mas raramente por especialistas em outros campos".[20] Em outras palavras, não se fala tão frequentemente de "exegese de Shakespeare" ou "exegese de Sun Tzu" quanto se fala de "exegese de Paulo" ou "exegese do Pentateuco". Dessa forma, a diferença entre uma interpretação e uma exegese não é de essência, mas de grau.[21] Isto é, a exegese é mais "chique".

---

17 BROWN, Jeannine K. *Scripture as Communication: Introducing biblical hermeneutics*. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2021, p. 10. Cf. ANGLADA, Paulo Roberto Batista. *Introdução à hermenêutica reformada: correntes históricas, pressuposições, princípios e métodos lingüísticos*. 2. ed. Ananindeua, PA: Knox Publicações, 2016, p. 22; BLOMBERG; MARKLEY, *Handbook*, p. xii; CARSON, D. A. *Os perigos da interpretação bíblica*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 23; KAISER, JR., *Exegetical theology*, p. 47; KLEIN, William W.; BLOMBERG, Craig L.; HUBBARD JR., Robert L. *Introdução à interpretação bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 46–47; NASELLI, Andrew David. *Como entender e aplicar o Novo Testamento: doze passos da exegese à teologia*. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, p. 42; PORTER, Stanley E. Biblical hermeneutics and theological responsibility. In: PORTER, Stanley E.; MALCOLM, Matthew R. (Orgs.). *The Future of Biblical Interpretation: Responsible plurality in biblical hermeneutics*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2013, p. 31–32; SILVA, Moisés, Quem precisa de hermenêutica? In: SILVA, Moisés; KAISER, JR., Walter C. (Eds.). *Introdução à hermenêutica bíblica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 13–22.

18 Para defender este princípio aqui, eu me desviaria do propósito central do artigo. Assim, recomendo uma excelente defesa desse ponto em: GOLDSWORTHY, Graeme. *Hermenêutica cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2024, p. 30–35. Ver também SILVA, Moisés. O argumento em favor da hermenêutica calvinista. *Fides Reformata*, v. 5, n. 1, p. 7–26, 2000, especialmente p. 19.

19 SILVA, Moisés. Who needs hermeneutics anyway? In: SILVA, Moisés; KAISER, JR., Walter C. (Eds.). *Introduction to biblical hermeneutics: the search for meaning*. Grand Rapids: Zondervan, 2007, p. 21. Minha tradução. No original: "*exegesis* … is a fancy way of referring to interpretation". A edição brasileira traduz "fancy" pelo termo mais elegante "rebuscada". SILVA, Quem precisa de hermenêutica?, p. 17.

20 Ibid.

21 Contra Porter e Clarke. Os autores distinguem entre *exegese* e *interpretação* da seguinte forma: "Enquanto os objetos da interpretação podem ser várias formas de comunicação oral, gestual, simbólica e escrita, o objeto da exegese e da hermenêutica é mais frequentemente equiparado com dados escritos". PORTER; CLARKE, What is exegesis?, p. 6. Minha tradução. Contudo, creio que os autores aqui fazem uma distinção supérflua e equivocada, uma vez que falam em seu artigo, assim como eu no meu, sobre a exegese *bíblica*. Não faz sentido separar interpretação e exegese pela mídia do objeto se o objeto são as Escrituras.

A pergunta que nos resta é: em que consiste essa "elegância" da exegese? Como ela se aprofunda mais do que uma interpretação comum ou genérica? É na resposta a essa pergunta que as opiniões sobre a definição de exegese mais divergem entre si. Assim, passarei agora a analisar essas opiniões.

2. PERSPECTIVAS DIVERGENTES ACERCA DA EXEGESE

Temos hoje uma quantidade constrangedora de manuais,[22] livros[23] e artigos[24] que definem e ensinam como fazer exegese. A razão de mais este artigo é por uma dificuldade que enxergo na literatura: com frequência, a definição dada à exegese é desvinculada de seu objetivo. Por causa dessa deficiência, os métodos propostos, além de divergirem entre si, por vezes entram em conflito com a definição proposta. Não digo isso para negar a utilidade dos vários projetos, mas para traçar uma forma melhor de avançar.

Portanto, organizo abaixo três tipos de definição da exegese e analiso seus pontos fortes e fracos. Vale ressaltar que a categorização busca sondar as motivações e efeitos das publicações acerca do assunto nos últimos anos. Dessa forma, as divisões que estabeleço abaixo são heurísticas, com margens permeáveis. É bem possível que um autor que situo na primeira categoria possa ter elementos da segunda ou terceira. Entretanto, creio ser útil a rubrica,

---

22 Ver, por exemplo, ALEXANDRE JR. Manuel, *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016; BLOMBERG; MARKLEY, *Handbook*; CHISHOLM, JR., Robert. *Da exegese à exposição: guia prático para o uso do hebraico bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2015; DEROUCHIE, Jason S. *Como entender e aplicar o Antigo Testamento: doze passos da exegese à teologia*, São Paulo: Cultura Cristã, 2023; ERICKSON, Richard J. *A beginner's guide to New Testament Exegesis: taking the fear out of the critical method*. Downers Grove: InterVarsity Press, 2005; HAYES, John H.; HOLLADAY, Carl R. *Biblical exegesis: a beginner's handbook*. 3. ed. Louisville: Westminster John Knox Press, 2007; GORMAN, Michael J. *Introdução à exegese bíblica*, Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017; NASELLI, *Como entender e aplicar o NT*; STUART, Douglas; FEE, Gordon D. *Manual de exegese bíblica: Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida Nova, 2015. Observe a preponderância de livros sobre exegese do Novo Testamento e a relativa escassez de livros sobre exegese do Antigo.

23 Ver, por exemplo, BOCK, Darrell L.; FANNING, Buist M. (Orgs.). *Interpreting the New Testament Text: Introduction to the art and science of exegesis*. Wheaton: Crossway Books, 2006; CARSON, *Perigos*; FEE, Gordon D. *Exegese? Para quê? 21 estudos textuais, exegéticos e teológicos do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019; KAISER, JR., *Exegetical theology*; MANGUM, Douglas; WESTBURY, Josh (Orgs.). *Linguistics and Biblical Exegesis*. Bellingham: Lexham Press, 2016; PORTER, Stanley E. *A Handbook to the Exegesis of the New Testament*. Leiden: Brill, 1997. A despeito do título, o livro de Porter não é um manual, mas uma coleção de artigos que lidam com o assunto.

24 Ver, por exemplo, BOCK, Opening questions; CULY, Martin M., If you can't read, you can't exegete: the importance of reading skills for Greek exegesis, *BAGL*, v. 11, p. 101–129, 2022; FEE, Gordon D. Exegese? Para quê? Reflexões sobre a exegese e espiritualidade em Filipenses 4.10-20. In: *Exegese? Para quê? 21 estudos textuais, exegéticos e teológicos do Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 391–409; HALLER, Eduard. On the interpretative task. *Interpretation*, v. 21, n. 2, p. 158–166, 1967; PORTER; CLARKE, What is exegesis?; PORTER, Stanley E. What does "always being reformed" exegesis mean for contemporary interpretation? *MJTM*, v. 18, p. 118–141, 2016.

uma vez que por meio dela podemos observar as várias boas contribuições à definição de *exegese* e, ao mesmo tempo, fazer uma análise crítica delas.

2.1 Exegese como estudo histórico

A forma mais tradicional de entender a exegese é como um processo de estudo primariamente histórico. O foco, nessa categoria, é fazer uma análise a fim de alcançar uma compreensão da intenção do autor original do texto bíblico. Gordon Fee nos fornece um bom resumo dessa perspectiva:

> O termo "exegese" é usado neste livro num sentido conscientemente limitado para referir-nos à investigação histórica do significado de um texto bíblico. A pressuposição subjacente a essa tarefa é que os livros bíblicos tiveram "autores" e "leitores", e que os autores pretendiam que seus leitores entendessem o que eles escreviam (veja, p. ex., 1 Co 5.9-11; 1 Jo 2.1; [...]). Exegese, portanto, responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao *que* ele disse (o contexto propriamente dito) quanto a *por que* ele o disse num determinado lugar (o contexto literário) – na medida em que isso pode ser descoberto, dada nossa distância em tempo, linguagem e cultura. Além disso, a exegese ocupa-se, fundamentalmente, com a intencionalidade: O que o autor bíblico *tencionava* que seus leitores originais compreendessem?[25]

Observe o foco dado à intenção do autor original. Afinal, se começarmos nossa interpretação a partir do tempo moderno ou a partir do leitor nos dias de hoje, cairemos no perigo da *eisegese*, que "acrescenta um significado ao texto"[26] em vez de extraí-lo do texto. Nessa perspectiva, é ao descobrir a intenção original do autor que o texto e seu significado se tornam aparentes.

Portanto, como Fee indica, existe uma lacuna cultural, histórica e linguística entre nós e o escritor bíblico. Autores que enxergam a exegese como um estudo histórico descreverão dois requisitos básicos para que um ato interpretativo possa ser chamado, de fato, de "exegese".

Como a exegese é definida por ser uma reconstrução histórica, o primeiro requisito para uma exegese é um conhecimento adequado do contexto histórico, em que este poderá esclarecer o significado do texto e, portanto, auxiliar na reconstrução do sentido original: "O alvo do uso de informações contextuais é

---

25 STUART; FEE, *Manual*, p. 25. Podemos também citar a definição de Bock: "estipular o significado do autor/texto por meio da interação com as línguas originais por meio do uso de uma hermenêutica saudável com vistas à aplicação do texto à igreja e ao mundo contemporâneos". BOCK, Opening questions, p. 24. Minha tradução. Cf. ANGLADA, *Hermenêutica reformada*, p. 22; DEROUCHIE, *Como entender e aplicar o AT*, p. 56; GRASSMICK, *Exegese*, p. 13; KAISER, JR., *Exegetical theology*, p. 47.

26 NASELLI, *Como entender e aplicar o Novo Testamento*, p. 41. A palavra *eisegese*, diferentemente de *exegese*, não deriva da língua grega, mas foi inventada em tempos modernos para contrastar com o sentido etimológico de exegese.

ajudar o leitor moderno a calçar os sapatos (ou sandálias) dos leitores originais (em certo sentido esse é um alvo do processo exegético inteiro)".[27] É claro que tal estudo será sempre a melhor aproximação possível, mas o exegeta poderá melhorar suas pesquisas e reconstruções com a prática. Como diz Fee: "A história é o primeiro contexto para a interpretação. A exegese é uma necessidade ... porque a natureza das Escrituras, da Palavra eterna de Deus, transmitida em palavras humanas na história, assim exige".[28]

Entretanto, um estudo do gênero ou contexto histórico e literário, por mais necessários que sejam, não distingue a exegese de uma interpretação qualquer. Assim, o segundo requisito acaba sendo um elemento definidor da exegese: um conhecimento adequado do texto, o qual exigirá o conhecimento das línguas bíblicas e da crítica textual. Nas palavras de Bock, "embora aqueles que interpretam a Bíblia possam trabalhar com o inglês ou a sua língua primária, a exegese normalmente é reservada para aqueles que podem interagir diretamente com o grego".[29] Bock distingue uma interpretação como algo feito em qualquer outra tradução e a exegese como algo feito por meio do estudo das línguas bíblicas. Semelhantemente, Kaiser, após definir a exegese como uma descoberta da intenção do autor original,[30] afirma que "o domínio de hebraico, aramaico e grego é uma exigência básica".[31] Nos últimos anos, essa distinção tem sido suavizada em estudos exegéticos em geral,[32] mas continua tendo alguma importância para aqueles que defendem que a exegese é um estudo histórico, buscando a intenção autorial original.

---

27 FANTIN, Joseph D. Background studies: grounding the text in reality. In: BOCK, Darrell L.; FANNING, Buist M. (Orgs.). *Interpreting the New Testament text: introduction to the art and science of exegesis*. Wheaton: Crossway Books, 2006, p. 168–169. Minha tradução. Ver também a frase de R. T. France em um artigo no número inaugural de *Themelios*: "Grammatico-historical exegesis demands, then, that we discover all we can of the background to the expressions and concepts used by the New Testament writers, but forbids us to interpret them as merely echoing the ideas of their non-Christian contemporaries". FRANCE, R. T. Inerrancy and New Testament Exegesis. *Themelios*, v. 1, n. 1, p. 12–18, 1975, p. 14.

28 FEE, Gordon D. A história como contexto para a interpretação. In: DYCK, Elmer (Org.). *Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica*. São Paulo: Shedd, 2012, p. 35.

29 BOCK, Opening questions, p. 25. Minha tradução. Cf. CHISHOLM, JR., *Da exegese à exposição*, p. 1–13; DU TOIT, Andreas B. New Testament exegesis in theory and practice. *Acta Theologica*, v. 24, n. 1, p. 45–63, 2004, p. 51; FAIR, Disciplines, p. 35; HAGNER, Donald A. *New Testament exegesis and research: a guide for seminarians*. Pasadena: Fuller Seminary Press, 1999, p. 1, 5; HALLER, On the interpretative task, p. 158.

30 KAISER, JR., *Exegetical Theology*, p. 47.

31 Ibid., p. 48. Minha tradução.

32 Ver a discussão em: PORTER, Stanley E. What is the relationship between exegesis and our views of Greek, or vice versa? In: PORTER, Stanley E.; LAND, Christopher D.; PANG, Francis G. H. (Orgs.). *Linguistics and the Bible: retrospects and prospects*. Eugene: Wipf & Stock, 2019, p. 186–194.

Nesse quesito, entretanto, existe uma exceção. Gordon Fee, no mesmo artigo em que afirma que "conhecimentos das línguas originais, entretanto, são *necessários* para respondermos a muitas das perguntas de conteúdo",[33] diz também o seguinte:

> Espero também ter ilustrado que você não precisa ser um perito para praticar bem a exegese. As questões realmente essenciais – as do contexto [histórico--cultural] – são campo aberto para todos. Mesmo quando você precisa sem dúvida consultar fontes externas na busca de ajuda nalgumas das perguntas de conteúdo [do texto bíblico, em particular de línguas bíblicas], você poderá sempre voltar ao texto e formar seus próprios julgamentos em termos do contexto. ... Já que a Bíblia é para todos, que todos a leiam procurando vida e crescimento.[34]

Creio que essa esquizofrenia metodológica, presente também na seção do *Manual de exegese bíblica* escrita por Fee,[35] decorre de uma preocupação em democratizar a exegese, enquanto que outros nessa categoria de definições conscientemente restringem a exegese ao "teólogo-exegeta maduro".[36]

Embora a divergência entre esses autores acerca da necessidade das línguas bíblicas possa parecer, na superfície, insignificante, ela revela um dos problemas em ancorar a exegese numa reconstrução histórica da intenção autorial: levada às últimas consequências, ela é inalcançável. Fee fala de forma contraditória porque ele deseja encorajar muitas pessoas a praticarem a exegese, mas sabe que o conhecimento das línguas originais é, em última análise, irrealizável. Assim também com o conhecimento histórico. Dessa forma, se tanto o conhecimento de uma língua morta quanto o conhecimento de um passado distante são e sempre serão aproximações, não haveria a possibilidade de permitir que existissem exegetas que não se valessem das línguas bíblicas, mas daqueles que, em seu conhecimento aproximado dessas línguas mortas, já escreveram livros e artigos (ou programas de computador)?

Portanto, o grande problema de tentar tornar a exegese uma ciência mais objetiva pelo apelo ao sentido original e histórico é que esse mesmo sentido

---

33 FEE, A história como contexto, p. 16.

34 *Ibid*., p. 35. Ver também DEROUCHIE, *Como entender e aplicar o AT*, que define exegese como "a descoberta pessoal daquilo que os autores bíblicos pretendiam que seu texto significasse" (p. 56), mas começa a seção intitulada "Os benefícios da exegese em hebraico" da seguinte forma: "Você não precisa saber hebraico para ser grandemente beneficiado por este livro" (p. 66).

35 STUART; FEE, *Manual*, p. 27. Observe que o termo "esquizofrenia" deriva do próprio Fee, em um artigo posterior a ambas as obras supracitadas, no qual fala autobiograficamente sobre a mente dividida que tinha com respeito à espiritualidade e à exegese: "Percebi que, ao longo dos anos, desenvolvi um tipo de esquizofrenia concernente a esses dois tópicos – esquizofrenia no sentido derivativo da palavra: de uma verdadeira 'mentalidade dividida'". FEE, Exegese? Para quê?, p. 391. Ver a seção 3.1 abaixo.

36 BOCK, Opening questions, p. 32. Minha tradução.

original e histórico sempre será apenas uma aproximação. Por mais útil que seja, a definição de exegese como "o *exercício* de e o conjunto de *processos* para descobrir o significado pretendido pelo autor",[37] não está sem seus problemas.

2.2 Exegese como estudo metódico

Talvez pelos problemas expostos acima, vários manuais de exegese não definem a disciplina de forma tão restrita como os autores supracitados. Classifico-os na categoria daqueles que definem a exegese como um estudo metódico. A linha divisória entre essa categoria e a anterior é tênue, uma vez que 1) autores da primeira categoria também enfatizam a importância de um método e 2) autores que enfatizam um método frequentemente desejam também "primeiro ouvir aquela palavra bíblica no seu contexto original".[38] A separação que faço entre os dois é entre o peso que dão ao método.

Assim, por exemplo, Manuel Alexandre Jr. define a "exegese como a rigorosa análise histórica, linguística, literária e teológica de um texto"[39] e identifica dez "passos necessários à tarefa exegética".[40] De forma semelhante, Blomberg e Markley não definem a exegese explicitamente, mas depois de dizerem que ela (em contraste com a hermenêutica) é a "*prática* de se fazer uma interpretação",[41] afirmam que a "exegese é ensinada na mesma medida em que ela é captada.... a habilidade [exegética] vem pela prática repetida e pela avaliação do trabalho de outros praticantes".[42]

Entretanto, todos esses autores, mesmo apresentando a exegese como "uma maneira sistemática de interpretar um texto",[43] advertem contra a compreensão de que o processo se torne "um empreendimento mecânico que alguém pode realizar por degraus, em ordem hierárquica, como se um método ou etapa de exegese sempre conduzisse ao próximo".[44] De modo semelhante, logo após propor doze passos para a exegese e exposição do texto bíblico, Naselli admite que "é um pouco artificial decompor a exegese e a teologia em doze passos".[45]

---

37 KAISER, JR., *Exegetical Theology*, p. 47. Minha tradução.

38 ERICKSON, *New Testament Exegesis*, p. 21.

39 ALEXANDRE JR., *Exegese*, p. 35.

40 Ibid., p. 57–72.

41 BLOMBERG; MARKLEY, *Handbook*, p. xii. Minha ênfase.

42 Ibid., p. xiii.

43 HAYES; HOLLADAY, *Biblical Exegesis*, p. 21, 189.

44 Ibid., p. 27. Veja a frase extremamente similar de Naselli: "Não quero sugerir que a exegese é um processo mecânico e robótico, que, se você apenas seguir as instruções, inevitavelmente produzirá as interpretações corretas". NASELLI, *Como entender e aplicar o Novo Testamento*, p. 45.

45 NASELLI, *Como entender e aplicar o NT*, p. 44; cf. p. 410. Ver também BLOMBERG; MARKLEY, *Handbook*, p. 269; BROYLES, Craig C. Interpreting the Old Testament: principles and steps. In: *Interpreting the Old Testament: a guide for exegesis*. Grand Rapids: Baker Academic, 2001, p. 19–21; ERICKSON, *NT Exegesis*, p. 204–205.

Voltemos à pergunta: como a exegese pode ser considerada uma interpretação mais profunda? Será que podemos dizer que o que a diferencia é um método consciente e sistemático? Mas os próprios autores que advogam a utilidade de um método afirmam claramente que tal método não é suficiente, que a exegese é às vezes mais arte do que ciência.[46] Sem desprezar a utilidade dos métodos propostos, precisamos concordar com Poythress ao dizer que "nenhum método é uma panaceia".[47] Portanto, abordar a exegese como um método não será suficiente para defini-la.

2.3 Exegese multiforme

Visto que a caracterização da exegese como um estudo histórico ou como um estudo metodológico não consegue alcançar uma objetividade consistente, alguns descartam por completo uma única definição para a exegese. Dessa forma, como afirmam Porter e Clarke,

> o exegeta nunca poderá ter a esperança de apresentar *a* exegese de uma passagem como se fosse a palavra final. Pelo contrário, a exegese de uma passagem se faz por apresentar uma interpretação coerente e informada, embasada no encontro daquele intérprete com e investigação de um texto em um determinado ponto no tempo.[48]

Não existe, assim, exegese, mas múltiplas exegeses, uma vez que cada indivíduo terá uma forma diferente de entender e explicar o texto. Afinal, se cada um tem uma exegese peculiar, como se pode definir a exegese?

Dentro do grupo que resiste à definição de exegese, por focar em suas demasiadas variações, podemos encontrar três subcategorias:

1. *Exegese eclética.* Normalmente, o exegeta eclético reconhece que existem várias formas diferentes de se fazer exegese, mas como Porter e Clarke disseram na citação anterior, escolhe apresentar uma exegese "coerente e informada".[49] Michael Gorman é um bom representante dessa escolha. Após apresentar vários tipos de exegese, ele conclui: "A abordagem defendida neste livro é um tanto eclética e ainda assim integrada..., mas observando que não existe uma maneira 'certa'".[50]

---

46 Cf. HAYES; HOLLADAY, *Biblical Exegesis*, p. 28; NASELLI, *Como entender e aplicar o Novo Testamento*, p. 45.

47 POYTHRESS, Vern S. *God-Centered Biblical Interpretation*. New Jersey: P&R Publishing, 1999, p. 136.

48 PORTER; CLARKE, What is exegesis?, p. 18. Minha tradução. Ênfase original.

49 Ibid.

50 GORMAN, *Introdução*, p. 42. Observe também o artigo de Stanley Porter: A multidisciplinary approach to exegesis. In: *Linguistic Analysis of the Greek New Testament: studies in tools, methods, and practice*. Grand Rapids: Baker Academic, 2015, p. 93–112, no qual ele conclui, acerca do modelo

2. *Exegese comunitária.* O exegeta pode ainda escolher um tipo específico, dentre várias alternativas de exegeses, contanto que explique qual é a sua comunidade interpretativa. Essa maneira de aceitar uma multiplicidade de exegeses é bastante comum entre os adeptos da interpretação teológica das Escrituras. Assim, Reno diz:

> Quando usamos a doutrina para nos orientar, para enquadrar nossas perguntas exegéticas e para extrair o significado de uma passagem bíblica – quando nos engajamos no empreendimento multifacetado que estou chamando exegese teológica – nós recorremos a recursos intelectuais que foram desenvolvidos para o fim específico de se pensar biblicamente sobre a Bíblia.... Nunca houve um momento na história do cristianismo em que exegese e doutrina não estiveram entrelaçados em uma prática intelectual complexa, mas integrada.[51]

3. *Exegeses variadas.* A última maneira de rejeitar uma definição específica para a exegese é aceitar todas as formas de interpretação como exegese. William P. Brown, em seu manual de exegese, faz justamente isso:

> Uma convicção fundamental [deste manual] é que, assim como exegetas são multifacetados em suas abordagens individuais à interpretação bíblica, assim também o texto bíblico é multivalente quanto é lido e interpretado na companhia de outros.[52]

Nessa perspectiva pós-moderna,

> [...] o universo expandido dos estudos bíblicos é uma coisa maravilhosa, especialmente quando se considera que cada nova galáxia de intérpretes e abordagens tem o potencial de complementar e aprimorar o que veio antes, em vez de tomar o seu lugar ou desvalorizá-lo.[53]

Certamente, não há como negar que "o texto não vem ao leitor sem mediação, mas filtrado e moldado... pelas perspectivas, valores e juízos prévios

---

que ele mesmo propôs de exegese: "Não tenho a pretensão de achar que esse [modelo] responde todas as perguntas importantes a respeito de como esses métodos estão relacionados, muito menos de dizer como a exegese deve ocorrer" (p. 112). Minha tradução.

51 RENO, R. R. *The End of Interpretation: reclaiming the priority of ecclesial exegesis*. Grand Rapids: Baker Academic, 2022, p. 24. Minha tradução. Mais tarde, Reno conclui o capítulo: "A exegese teológica, portanto, não é um método. É simplesmente uma abordagem que não ignora a verdade pregada de púlpitos e comunicada em confissões quando embarcamos na difícil empreitada de tentar discernir a verdade que a Bíblia revela" (p. 31). Minha tradução.

52 BROWN, William P. *A Handbook to Old Testament Exegesis*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2017, p. xi. Minha tradução.

53 SOULEN, Richard N.; SOULEN, R. Kendall. *Handbook of Biblical Criticism*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2011, p. v. Minha tradução.

de cada intérprete".[54] Por conseguinte, existem várias abordagens exegéticas que podem ser adotadas para melhor compreender o texto bíblico. Contudo, é obrigação de qualquer intérprete guiado pela palavra de Deus rejeitar a pluralidade pós-moderna que legitima todas as diferentes formas de exegese, uma vez que, no momento em que todas as interpretações se tornam igualmente válidas, todas se tornam uniformemente inúteis. Quando "tudo é relativo à identidade do leitor",[55] esse mesmo leitor usurpa o controle sobre o texto que cabe apenas ao seu Autor.

A *exegese comunitária* também corre o mesmo risco – a comunidade tampouco deveria suplantar a autoridade divina![56] Já a abordagem eclética, por sugerir sua própria forma de exegese sem desconsiderar outras, carece ainda de uma maneira de avaliar exegeses e dizer quais são melhores ou piores e por quê. Portanto, todas as abordagens que resistem a uma definição mais sistemática por aceitarem vários tipos de exegese revelam uma definição tácita de que a exegese é a forma de interagir com o texto que cada leitor determinar.

2.4 Avaliação das diferentes definições de exegese

Por mais importante que sejam, definições são coisas difíceis. Cada uma das definições mencionadas acima tem aspectos positivos. As definições que tratam a exegese como um estudo histórico estabelecem dois limites bastante firmes para a exegese: (1) ela busca entender o que o texto *significava*, não o que ele *significa* hoje e (2) ela precisa ser feita a partir das línguas originais e com a ajuda da crítica textual para realmente ser uma exegese do texto bíblico. Já definições que tratam a exegese como um método expandem o número de requisitos para uma exegese sensível, destacando como o estudo da língua pode ser subdividido em estudos morfológicos, semânticos, sintáticos e discursivos. O estudo do contexto também é subdividido entre o estudo do contexto histórico-cultural e o contexto literário (gênero, contexto próximo, contexto distante, contexto canônico etc.).[57] Já aqueles que adotam uma visão

---

54 BROWN, *Handbook*, p. 8. Minha tradução.

55 VANHOOZER, Kevin J. *Teologia primeira: Deus, escritura e hermenêutica*. São Paulo: Shedd, 2016, p. 26.

56 Para os leitores que queiram entender melhor o movimento da interpretação teológica das Escrituras, mencionado acima como alguns dos principais defensores da subcategoria 2, recomendo o seguinte artigo: CARSON, D. A. Theological Interpretation of Scripture: yes, but... In: *Theological Commentary: evangelical perspectives*. London: T&T Clark, 2011, p. 187–207. Carson faz a importante observação acerca do poder da comunidade quando reflete que "it would be easy to show that the Christian's or the church's understanding of the authority and truthfulness of Scripture is rather different for chastened liberals and for confessional evangelicals and traditional Catholics. On the point now at hand, what it means to appeal to God over against hermeneutical rules will at some point be rather different for confessional evangelicals and for Barthians" (p. 204).

57 Veja, por exemplo, o conteúdo dos seguintes livros: DEROUCHIE, *Como entender e aplicar o AT*; NASELLI, *Como entender e aplicar o NT*.

de que existem muitas exegeses descrevem a realidade apontada por todos aqueles que chamam a exegese de *arte*. De fato, quase todas as apresentações de exegese, independentemente das definições expostas acima, admitem essa classificação.[58] Além do mais, essa terceira perspectiva percebe corretamente que o texto bíblico não deve ser apenas estudado e analisado como um espécime debaixo de nossos microscópios interpretativos, mas também deve transformar o leitor. Caso contrário, uma exegese fidedigna à Bíblia não ocorreu de fato.

Será então que todas as definições estão corretas? Não. Por mais que todas apresentem aspectos positivos, se forem seguidas de forma absolutamente coerente com os princípios que declaram, cada definição de exegese acima cai em complicações que, no final, a impossibilitam.

A exegese como um profundo estudo histórico-gramatical precisa admitir que todo o seu estudo é apenas uma aproximação. Se é esse o caso, os limites tão firmes dessa abordagem começam a evidenciar rupturas: até que ponto devemos aceitar uma reconstrução hipotética acerca da audiência do evangelho de João ou Sofonias?[59] Será que o genitivo τοῦ θεοῦ em 2Coríntios 5.14 é objetivo ou subjetivo?[60] Quanta certeza tenho de que a tradução da LXX apresenta um *Vorlage* mais adequado para o Salmo 24.4?[61] Levada às últimas consequências, essa definição suscitará grande desassossego no exegeta que busca objetividade, mas se encontra num emaranhado de decisões subjetivas.

Um problema semelhante sucede com a exegese definida como método, já que os métodos podem se multiplicar sem fim. Qual é o princípio régio que determina se deveríamos incluir um estudo do texto à luz da linguística moderna[62] ou excluir uma análise pós-colonial? Não basta definir a exegese como um

---

58 Ver, por exemplo: BOCK, Opening questions, p. 26; GORMAN, *Introdução*, p. 28; GRASSMICK, *Exegese*, p. 11; HAYES; HOLLADAY, *Biblical Exegesis*, p. 28; NASELLI, *Como entender e aplicar o NT*, p. 45.

59 Veja a importante crítica de Vern Poythress às abordagens que encontram o sentido de um texto meramente no significado do autor humano: POYTHRESS, Vern S. Dispensing with merely human meaning: gains and losses from focusing on the human author, illustrated by Zephaniah 1: 2-3. *JETS*, v. 57, n. 3, p. 481–499, 2014.

60 Ou seria um "genitivo plenário", categoria proposta por Daniel Wallace, na qual ambas as ideias são intencionadas pelo autor? WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento*. São Paulo: Editora Batista Regular, 2009, p. 120.

61 Cf. DECLAISSÉ-WALFORD, Nancy; JACOBSON, Rolf A.; TANNER, Beth Laneel. *The Book of Psalms*. Grand Rapids: Eerdmans, 2014, p. 250.

62 Ou até mesmo *qual* linguística moderna! Porter defende ferrenhamente a Linguística Sistêmica Funcional, mas outros defendem a Linguística Gerativa, Funcional, Cognitiva etc. Cf. MANGUM; WESTBURY (Orgs.), *Linguistics and Biblical Exegesis* (esp. p. 87-133); PORTER, Stanley E. Linguistic Theory in Hebrew and Greek Language Study. In: PORTER, Stanley E.; LAND, Christopher D.; DVORAK, James D. (Orgs.). *Putting the Pieces Together: formalizing units and structures in the biblical languages*. Eugene: Wipf & Stock, 2024, p. 1–38; ROSS, William A.; ROBAR, Elizabeth (Orgs.). *Linguistic Theory and the Biblical Text*. Cambridge: Open Book Publishers, 2023.

processo sistemático. É necessário ter uma finalidade que oriente tal processo, para que estrutura não seja desenfreada. Sem este princípio organizador, cai-se no dilema da terceira definição como explicado acima: aceita-se o controle do leitor sobre o método que se usa em vez de derivar o método da autoridade divina nas Escrituras. Como se legitima, então, uma finalidade para a exegese?

3. O FIM DA EXEGESE

3.1 O eclipse de Deus na exegese moderna

Ninguém usa um martelo para serrar uma árvore ou uma serra para costurar uma roupa. Ferramentas são criadas com um propósito e é justamente esse propósito que lhes concede sua definição. Da mesma forma, como ferramenta, a exegese deve ser definida por seu fim. "Não temos entendido um texto até que entendamos o que ele deseja realizar em seus leitores, e a exegese não será bem-sucedida até que saiba como o texto deve ser usado".[63]

É claro que existe uma conexão orgânica entre o propósito da exegese e as definições dadas acima. Aqueles que se concentram na exegese como definida pela intenção do autor propõem que o alvo da exegese é "penetrar por trás de um texto até o significado original do autor original quando ele se dirigiu ao seu público original".[64] Já quem prefere um método poderia propor que o fim da exegese é "obter uma compreensão informada acerca do texto".[65] Ou, ainda, será que o objetivo da exegese é "fomentar uma expectativa de surpresa [por meio de] encontros gerativos, se não transformativos, com o texto e com outros ao redor do texto", como diriam aqueles que dão primazia ao leitor em sua definição de exegese?[66]

Creio ser essa uma escolha falsa. As três finalidades propostas acima podem ser aceitas, mas não sem alterações importantes. Assim, peço ao leitor que retorne ao parágrafo anterior e leia as declarações de propósito mais uma vez. Procure uma ausência suspeita, mas surpreendente.

---

63 SNODGRASS, Klyne, Exegesis. In: VANHOOZER, Kevin J. et al (Orgs.). *Dictionary for Theological Interpretation of the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2005, p. 204.

64 FAIR, Disciplines, p. 35. Minha tradução. Semelhantemente, Erickson diz: "Esta é a tarefa da exegese: *projetar-nos de volta naquele mundo antigo*". ERICKSON, *NT Exegesis*, p. 21. Minha tradução.

65 HAYES; HOLLADAY, *Biblical Exegesis*, p. 21. Minha tradução. Semelhantemente, Gorman diz: "Um objetivo mais modesto e primário seria obter uma compreensão possível e coerente do texto em seus próprios termos e contexto". GORMAN, *Introdução*, p. 26–27. Observe a palavra-chave "uma" em ambas as declarações de propósito. Hayes e Holladay explicam: "Isso difere de dizer que o exegeta busca determinar *o* sentido do texto. Um texto bíblico pode ter significado em níveis diferentes, dependendo da perspectiva e alvos do intérprete. Diferentes tipos de exegese foram desenvolvidos para abordar essas múltiplas dimensões de significado". HAYES; HOLLADAY, *Biblical Exegesis*, p. 21–22. Minha tradução.

66 BROWN, *Handbook*, p. x.

Encontrou? Observe que nenhuma das frases acima faz menção a *Deus*. Talvez não seja generoso o suficiente da minha parte culpar os teóricos pela supressão de Deus em seus escritos sobre a exegese. Afinal, certamente cada um dos autores presume que entenderemos que a exegese tem um referencial teológico! Porém, para o crente, a exegese não faz sentido sem ser orientada pelo Deus que se revela na palavra que pretendemos estudar. Ao ignorá-lo em nossas definições ou compreensão da exegese, a tarefa começa em falso.

Destaquei tal realidade na seção 1.1 acima justamente porque, quer intencionalmente, quer acidentalmente (e que acidente espiritualmente danoso!), a ausência flagrante de Deus como Autor das Escrituras em vários manuais de exegese revela uma triste realidade: a exegese contemporânea é frequentemente uma tentativa idólatra de controlar a Bíblia.[67] Como diz Poythress:

> A questão da verdadeira adoração está em jogo em cada ponto da vida. A verdadeira adoração está em jogo também em cada área da interpretação bíblica. A natureza trinitária de Deus está em jogo, já que muitas vezes as estruturas básicas da interpretação derivam de quem ele é. [...] Assim, é inevitável que a falsificação da idolatria afete todos os aspectos da interpretação.[68]

Portanto, uma exegese que busca se fundamentar essencialmente no significado histórico da primeira audiência somente o faz se ignorar, em alguma medida, que o Deus que falou antes da fundação do mundo (Is 43.18-21) já tinha em mente as audiências passadas, presentes e futuras (1Pe 1.18-20). Da mesma forma, definições da exegese que tratam friamente de um método a ser aplicado ao "texto" ignoram o fato de que esse texto é a comunicação vivificadora e salvadora do Deus eterno (Dt 8.3; Mt 4.4; Rm 10.17).[69] Tampouco podemos falar apenas, como Brown faz, de um diálogo "entre você e o texto"[70] que é

---

67 Fee, em um artigo autobiográfico, explica como o *Zeitgeist* da academia o afetou no início de seu ministério acadêmico: "Ao tornar-me [um estudioso do Novo Testamento], também me preocupara em restaurar uma voz evangélica viável no mundo acadêmico, onde a erudição da geração anterior à minha estava bem comprometida com a agenda da modernidade, a saber, *controlar* as informações por meio de uma metodologia histórico-crítica, dentro de uma estrutura não sobrenatural, a qual incluía um *viés fortemente antissobrenatural*". FEE, Exegese? Para quê?, p. 392. Grifo meu.

68 POYTHRESS, *God-Centered Biblical Interpretation*, p. 192. Ou, como diz em outro lugar, "in a biblical worldview we need not choose between Hirsch and his competitors. In one sense, cleansed of their non-Christian persuppositions, all three approaches provide a useful perspective on the whole of interpretation. In another sense each falls into an idolatrous absolutism by granting epistemological ultimacy to something in the world instead of God." POYTHRESS, God's lordship, p. 40.

69 Cf. SANTOS, Danillo A. A importância da leitura fluente para a exegese. 08 abr. 2025. Palestra dada na reunião da *Academia Brasileira de Estudos Bíblicos*, p. 3. Disponível em: https://www.academia.edu/129321133/ A_Importância_da_Leitura_Fluente_para_a_Exegese. Acesso em: 22 maio 2025; DEROUCHIE, *Como entender e aplicar o AT*, p. 57–58; ERICKSON, *New Testament Exegesis*, p. 18–19.

70 BROWN, *Handbook*, p. 21.

"transformativo",[71] mas pelo Espírito de Deus, ao lermos, "o véu é retirado" (2Co 3.16) e "todos nós, que com a face descoberta contemplamos como por um espelho a glória do Senhor, somos transformados à sua imagem, de glória em glória" (2Co 3.18).[72] É com Cristo que dialogamos, pelo Espírito, e por sua palavra somos santificados (Jo 17.17).

Não se pode ter uma hermenêutica teologicamente neutra. Não se pode extrair Deus da nossa exegese, inclusive na definição do que ela é e para que serve.

3.2 Determinando o fim da exegese

Infelizmente, a tendência geral de textos acerca da exegese nos últimos anos tem sido justamente a de inocular a exegese contra a teologia.[73] Felizmente, não são *todos* os textos acerca da exegese que fazem isso.

Assim, embora falte a Fee uma teologia mais robusta em seus primeiros escritos acerca da exegese, em 1996 ele escreveu um artigo no qual diz que "a intenção dos textos era Espiritual: obediência a Deus, seja sob a forma de comportamento, ensino, adoração, doxologia ou o que seja, incluindo uma teologia bíblica cuidadosamente articulada".[74] Portanto, para Fee,

> [...] o objetivo último da exegese ... é produzir em nossa vida e na vida dos outros a verdadeira Espiritualidade, na qual o povo de Deus vive em comunhão fiel uns com os outros e com o eterno Deus vivo e de acordo com os propósitos de Deus no mundo.[75]

Concordo que "o estudo teológico sério e a espiritualidade caminham juntos",[76] mas por mais que seja verdade, creio que também podemos ser um tanto implicantes e refinar esse alvo melhor no que concerne à exegese em si.

Darrell Bock medita bem sobre a importância da exegese quando afirma que "o caráter da Bíblia não é meramente nos informar sobre o passado ou até mesmo sobre a obra de Deus no passado, mas comover seus leitores a serem responsivos a Deus e, em consequência disso, viverem bem e sabiamente (2Tm 3.16-17)".[77] Entretanto, se esse é o alvo das Escrituras, como o alvo da exegese

---

71 Ibid., p. 12.

72 Todas as traduções do texto bíblico são minhas.

73 Cf. Porter, que analisa oito obras recentes e conclui que "poucas estão dispostas a afirmar" suas pressuposições teológicas. PORTER, Always being reformed, p. 134.

74 FEE, Exegese? Para quê?, p. 396.

75 Ibid.

76 NASELLI, *Como entender e aplicar o Novo Testamento*, p. 52.

77 BOCK, Opening questions, p. 26. Minha tradução.

pode se restringir apenas "a articular o que o autor expressou"?[78] Uma vez que a Bíblia estabelece seus próprios fins, parece-me melhor seguir a *sua* instrução ao determinarmos também os fins da exegese.

Aqui somos ajudados por Poythress, que, ao discorrer sobre os alvos da interpretação, suscita algumas importantes considerações:

> Evidentemente é possível criar uma variedade considerável de modos de interpretação, cada um com seu propósito. Mas em cada caso, o propósito proposto implica em deveres e juízos de valor. Todos os intérpretes acreditam implicitamente que seu alvo vale a pena e que ele deve ser seguido. Não há motivo para qualquer ação humana exceto por referência a padrões. O que mais poderiam ser esses padrões, a não ser padrões divinos?[79]

Portanto, para definir a interpretação bíblica precisamos entender que, "do ponto de vista bíblico, o propósito da interpretação deve ser receber e responder corretamente à palavra de Deus".[80] Embora Poythress se refira aqui à *interpretação* em vez de *exegese*, como desenvolvi na seção 1.3, não creio existirem diferenças significativas entre as duas, a não ser de intensidade. Então podemos aplicar essa perspectiva bíblica também à exegese: seu propósito também é receber e responder corretamente à palavra de Deus.

Portanto, o alvo da exegese não será a transformação do horizonte entre leitor e texto, uma vez que essa perspectiva repudia, mesmo que passivamente, a presença de Deus. Em vez disso, pensemos no alvo da exegese, pelo menos em parte, como a santificação por meio da comunhão com Deus que ocorre quando ouvimos a palavra de Deus. Isto é, quando por meio do texto bíblico Deus revela sua presença santa, a qual transforma seus leitores à imagem de Cristo (1Co 7.1; 1Jo 3.2-3).

Tampouco podemos focar no texto bíblico apenas com um método de interpretação objetivo para "extrair" dele o significado. Perceba como assumimos para nós o controle sobre o texto bíblico quando falamos dessa maneira. Ao invés de falar sobre o alvo da exegese primariamente como a compreensão do texto, precisamos entender o objetivo, de novo em parte, como a recepção de palavras que Deus determina. Desse modo, o controle da exegese não é nosso ou de algum método que caiu do céu, mas do Deus cuja palavra "faz o que me agrada e terá êxito para o qual a enviei" (Is 55.11).

---

78 Ibid., p. 25. Minha tradução.

79 POYTHRESS, God's Lordship, p. 32. Minha tradução.

80 Ibid. Minha tradução. Como essa frase será programática para o restante do artigo, peço encarecidamente ao leitor que me perdoe a falta de constantes e perturbadoras notas de rodapé à mesma. Carson oferece uma frase semelhante em seu artigo acerca da hermenêutica: "O alvo correto para o estudo da hermenêutica é melhor compreender e obedecer às Santas Escrituras". CARSON, Hermeneutics, p. 20. Minha tradução.

Finalmente, quando entendemos nossa necessidade de responder corretamente à palavra de Deus, o fazemos porque a autoridade do texto não está somente na situação histórica por trás do texto ou até mesmo na intenção de seu autor humano (um ideal que também se encontra por trás do texto!), mas na obrigação que o Senhor impõe aos seus súditos por meio de suas palavras. Por certo, não negaremos que a intenção do autor humano tem autoridade, mas essa autoridade é subordinada à autoridade do Autor divino, em quem o significado abarca muito mais do que a mente humana consegue perscrutar (cf. Mt 13.14, 17; 1Pe 1.10-12).

3.3 Definindo exegese por seu fim

Voltando à pergunta da definição de exegese: como ela difere da interpretação? Creio que podemos afirmar as três formas de defini-la, contanto que essas definições sejam orientadas pelo propósito central de receber e responder corretamente à palavra de Deus. Assim, podemos falar sobre a exegese como um estudo histórico, contanto que esse estudo histórico não seja totalizador, mas parte do receber a palavra do Deus eterno, expressa no tempo e no espaço. Dessa forma, seguramente uma "exegese saudável não alcançará seu pleno potencial sem apelar às línguas originais"[81] ou ao estudo do texto original das Escrituras. Entretanto, não seria justo limitá-la somente àqueles que conhecem as línguas originais ou são peritos na crítica textual, uma vez que essa limitação equivaleria a dizer que Deus não pode comunicar sua verdade àqueles que não possuem tais recursos.

Um método de análise do texto bíblico também pode enriquecer em muito a recepção e resposta à palavra de Deus. A metodologia proposta pela maior parte dos manuais de exegese pode iluminar bastante aquilo que Deus comunica ao seu povo. Entretanto, como Naselli adverte acerca dos doze passos que ele oferece: "Esses doze passos são 'passos' apenas na teoria. Eles estão interligados".[82] No processo da exegese, passos são úteis como possíveis maneiras diferentes de abordar a palavra de Deus, mas o significado não vem por segui-los, mas por ouvir a Deus.

A última definição, ou pelo menos categorização, da exegese como "muitas coisas", também está certa. Cada exegeta realmente responderá de forma diferente à revelação divina, mas isso não é o mesmo que dizer que cada exegeta determinará o significado do texto por si, ou que cada resposta é igualmente válida. Existem ainda padrões, ordenados por Deus, para receber e responder à sua palavra de forma adequada.

---

81 ERICKSON, *New Testament Exegesis*, p. 22.

82 NASELLI, *Como entender e aplicar o Novo Testamento*, p. 44.

Assim, se o alvo da exegese é receber e responder corretamente à palavra de Deus, que definição podemos dar ao processo que consegue atingir esse objetivo? Proponho que usemos uma definição da exegese que surge do vocabulário bíblico: *exegese é ouvir atentamente à palavra de Deus*.[83] O "ouvir" nas Escrituras está frequentemente relacionado tanto ao receber quanto ao responder à palavra de Deus, uma vez que a palavra é usada para falar, entre outras coisas, sobre compreensão (2Rs 18.26; 1Co 14.2; Gl 4.21), discernimento (2Sm 14.17, 1RS 3.11), prestar atenção (Êx 15.26; Zc 7.13) e obediência (Êx 5.2, 19.5; Lv 26.14).[84] Portanto, creio que a palavra é suficiente, corretamente aplicada, para nos trazer ao alvo da exegese.

3.4 O objetivo geral e objetivos específicos da exegese

Uma última palavra se faz necessária sobre o alvo da exegese. Como disse antes, a palavra *exegese* não remete apenas a um processo, mas também a um produto. Assim, o objetivo proposto acima para a exegese é um objetivo geral. Existem objetivos mais específicos para a exegese quando pensamos na razão pela qual buscamos ouvir a Deus nas Escrituras. Dentre esses objetivos, podemos enumerar alguns exemplos:

1. *A exegese para edificação individual*. Claramente, toda exegese, corretamente executada, servirá para a edificação do próprio exegeta antes que seja para qualquer outro fim. Entretanto, é possível fazer a exegese de um texto apenas para conhecer a e se relacionar melhor com Deus. Não há, aqui, necessariamente um produto físico, mas certamente grande ganho espiritual.

2. *A exegese para preparação de um sermão*. A resposta à palavra de Deus nesse caso será diferente do primeira, uma vez que não envolverá apenas a santificação pessoal do exegeta, mas também a meditação sobre a palavra para poder comunicá-la fielmente ao povo de Deus. Embora possamos chamar esse segundo estágio de exposição, em vez de exegese, uma exegese que tem exposição em mente já buscará "preparar um terreno sólido para a aplicação que é informado pela Bíblia".[85]

3. *A exegese para avaliação acadêmica ou eclesiástica*. Dependendo das exigências de um seminário ou da liderança de uma igreja, esse tipo de

---

83 Note uma definição análoga em Naselli: "Exegese é simplesmente *leitura cuidadosa*". Ibid., p. 41. Snodgrass, escrevendo sobre uma teoria hermenêutica, conclui: "Eu sugiro que o que mais precisamos é uma hermenêutica do ouvir; precisamos ouvir uma voz além da nossa ou até da nossa comunidade". SNODGRASS, Klyne. Reading to Hear: A hermeneutics of hearing. *Horizons in Biblical Theology*, v. 24, p. 1–32, 2002, p. 9. Mais uma vez, vou ser um tanto implicante ao observar que nenhum dos dois diz *a quem* devemos ouvir. Entretanto, ambos certamente observam ao longo de suas respectivas obras que devemos ouvir a voz do Deus triúno.

84 Veja o excelente resumo do ensino bíblico sobre "ouvir" em: SNODGRASS, Reading to Hear, p. 23–27.

85 BOCK, Opening Questions, p. 26.

exegese incluirá ou excluirá certos elementos. No entanto, quando a exegese é determinada pelo temor que se tem da avaliação de homens, ela perdeu seu foco central, pois não responde mais em santo temor ao Autor das Escrituras.

Constatei apenas os três tipos de exegese mais comuns acima como exemplos de que a exegese tem um objetivo central, mas pode ainda ser subdividida ou categorizada de diferentes formas, dependendo de seus fins. Não obstante, deve sempre manter-se teocêntrica, ou será suscetível à idolatria hermenêutica de estabelecer alguma imitação no processo hermenêutico em um lugar que só cabe a Deus.

CONCLUSÃO

Definições são coisas difíceis. Em meio a tantos caminhos diferentes tomados para definir *exegese*, não é de se surpreender que alguns alunos (e até professores) se percam no matagal das opiniões escolásticas. Espero, contudo, ter demonstrado que existe um alvo, um norte para nos guiar: a prática da exegese busca receber e responder corretamente à palavra de Deus. Se assim for definido o seu alvo, podemos enxergar melhor o caminho, isto é, a definição de exegese como *ouvir atentamente a palavra de Deus*. Ao mesmo tempo, se a definição não estiver ancorada no alvo, poderemos cair de novo nos buracos e galhos metodológicos espalhados pelo percurso. Por exemplo, poderíamos definir "ouvir" como uma iniciativa gerativa de significado, na qual o ouvinte se torna aquele que determina o significado, se não nos lembrarmos de que o alvo não é determinar o significado do texto, mas recebê-lo do Senhor que autoriza, controla e aplica o significado às nossas vidas.

Como desenvolvi o *porquê* e o *quê* da exegese neste artigo, resta ainda mostrar o *como*, e desenvolver algumas implicações metodológicas para o trajeto do exegeta, bem como apontar alguns percalços comuns. Pretendo, pela vontade de Deus, desenvolver isso em um futuro artigo.

ABSTRACT

Exegesis is an apparently easy term to define. Indeed, the basic elements of exegesis are relatively easy to delineate. However, the word itself is variously defined in the secondary literature, definitions which also bear several important implications for the practice of exegesis. After a critical analysis of the secondary literature, this article defends that the purpose Vern Poythress affirms for interpretation, that is, "to receive and respond properly to the word of God," should ground exegesis and, therefore, helps us also to define the exegetical process as *close listening to the word of God*. A second article will deal more with exegetical method.

KEYWORDS

Exegesis; Interpretation; Definition, Purpose.